

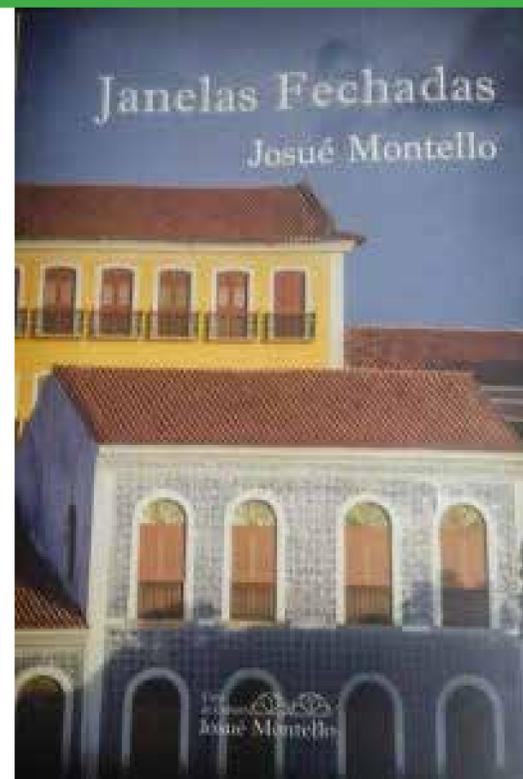


Luíza Cantanhêde e Paulo Rodrigues

Estes dois novos e talentosos nomes da poesia maranhense estão conquistando espaço tanto no mercado editorial quanto no gosto dos exigentes leitores de nossa terra (págs. 5 e 6)

Janelas fechadas, o primeiro romance de Josué Montello está de volta em nova edição (pág. 2)

Conheça um pouco do vocabulário maranhense na crônica de José Ewerton Neto (pág. 7)



O ESÔFAGO TERMINAL, um dos últimos livros publicados em vida pelo poeta Nauro Machado é estudado neste número do Ilhavirtualponto.com (pág. 4)

EDITORIAL

É sempre importante valorizar a cultura maranhense, que quase sempre é esquecida nos meios oficiais e costuma ser deixada em segundo ou terceiro plano. É por isso que sempre lutamos para trazer à tona os valores artísticos de nosso Estado.

É em busca desse objetivo que mantemos ativo o projeto Ilhavirtualponto.com, cujo objetivo geral é divulgar escritores, pensadores e artistas maranhenses em geral.

Neste número, o destaque vai para dois escritores que vêm se destacando tanto no cenário local quanto no regional e nacional: os poetas Paulo Rodrigues e Luíza Cantanhêde são dois nomes bastante expressivos em nossa literatura contemporânea e estão em pleno período de produção. Os livros de estreia desses dois escritores são analisados neste número.

Josué Montello, José Raimundo Rodrigues, Nauro Machado, Odylo Costa, filho e José Ewerton Neto também estão presentes nestas páginas e demonstram que são múltiplos e variados os talentos de nossa terra. Brevemente voltaremos com o 35º número deste informativo sobre literatura, arte e cultura maranhense.

Este informativo é nosso e pode ser compartilhado livremente para quem também seja amante das letras.

LANÇAMENTO

No dia 30 de novembro, às 18:00 horas, a escritora **Sharlene Serra** fará o lançamento do livro **Espelhos de Eva**



Local: Varanda do Restaurante Thai (Golden Shopping)

Janelas Fechadas para olhos bem abertos

Em 15 de março de 2018, a convite da amiga Joseane Souza, diretora da Casa de Cultura Josué Montello, estive no Centro Integrado Rio Anil (Cintra), para participar do lançamento da nova edição do livro **Janelas Fechadas**, primeira obra romanesca escrita por Josué Montello há oito décadas, pois a redação original é de 1938, quando o polígrafo maranhense estava com pouco mais de vinte e um anos, e publicado três anos depois, em 1941.

Essa narrativa do jovem escritor ganhou nova versão em 1982, quando foi reeditada com quase total reformulação nos aspectos narrativos, sem prejuízo para as tramas que movem o destino das personagens.

Janelas Fechadas não é um dos mais lidos, comentados e analisados livros de Montello. Em geral, a obra poderia ser vista apenas como uma curiosidade, como o livro de estreia de um prosador que depois iria fazer sucesso com livros como **Os Tambores de São Luís, Noite Sobre Alcântara, O Silêncio da Confissão e Cais da Sagração**. Porém, ao reescrever seu livro de estreia preservando-lhe apenas algumas linhas iniciais e algumas do desfecho, Montello deixava claro que **Janelas Fechadas** não poderia ser tratado apenas como uma efeméride e que deveria ter seu valor reconhecido pela posteridade.

O ilustre crítico literário Tristão de Athayde, ao comentar o livro, vaticinou que **Janelas Fechadas** não iria "ocupar", no mundo romanesco de Josué Montello, o mesmo posto de eminência dessa série sensacional de romances de sua maturidade, a partir de **Os Degraus do Paraíso**. Se por um lado isso é verdade, por outro há de ser lembrado que, embora não tenha a densidade narrativa de outros títulos posteriores do prosador maranhense, seu romance de estreia não é desprezível e apresenta grandes qualidades narrativas e estéticas.

Com esta nova edição (SECMA, 2017, 212 páginas) o romance **Janelas Fechadas**, que já estava na condição de obra raríssima, pode ser relido pelas novas gerações e pode voltar a ser discutido nas rodas de conversas literárias. Publicado sob os auspícios da Casa de Cultura Josué Montello, com a coordenação editorial de Joseane Souza e de Wilson Marques, com uma diagramação leve e capa assinada por Albani Ramos, o livro tem uma estética

agradável. O que pode ser um bom estímulo para a leitura.

O local escolhido para o relançamento do livro – Centro Integrado Rio Anil, se deu por conta de que quase a totalidade da narrativa se passa na Vila do Anil, o hoje bairro do Anil, onde está situada a escola. E foi em seus arredores que se passa parte do drama de Maria de Lourdes Silva, a protagonista da história, mas que no decorrer do livro é tratada geralmente pelo hipocóristico de Benzinho.

A história traz as marcas da leveza e da simplicidade, embora apresente também momentos de grande tensão. O texto tem início quando Benzinho, sua mãe – Dona Binoca, e seu irmão – Juca, mudam-se da Praça da Alegria para um chalé alugado no Anil. Mestre na descrição, Montello aproveita para desenhar com palavras a casa na qual a família irá passar seus dias a partir de então:

Era uma pequena casa de teto, com uma porta ao centro da fachada e duas janelas laterais guarnecidas de rótulas. Muito comprida, parecia não ter fim, envolta pela farta folhagem de árvores e trepadeiras que se alastrava ao longo do terreno (p. 07).

Mas, possivelmente o que mais interessava à pequena família era o fato de a casa mais próxima estava situada a cerca de cem metros do chalé. Era preciso privacidade, pois ali iria se esconder um grande segredo que precisava ser guardado dos olhos perscrutadores de possíveis vizinhos.

Aos poucos, o narrador foi permitindo que o leitor comesse a desnudar os segredos daquela família. O falecido pai aparentemente era um homem revoltado com o sistema político e que lia livros que tiveram que ser destruídos, pois poderiam "comprometer toda a família" (p. 30). Juca, o irmão de Benzinho, nutre pela irmã uma admiração que ultrapassa os limites da relação fraternal e, como forma de autoproteção, prefere sair de casa e tentar ganhar a vida no Rio de Janeiro. A pacata Dona Binoca é uma espécie de mediadora dos conflitos que aparecem no romance. É uma mulher inteiramente dedicada à família e que tem como grande dom compreender o próximo.

Para ajudar a compor o cenário narrativo, Montello cerca esse núcleo familiar de personagens que se completam, como é o caso da bondosa e solidária Maria das Virgens, uma mulher humilde que sempre perde as pessoas amadas; a bela Esmeralda, que praticamente vive de alugar seus amores a homens da alta sociedade; o galanteador Doutor Crispim, que vê em toda mulher um alvo a ser conquistado; a sempre desconfiada Aldenora, esposa do Dr. Crispim, que está sempre pronta para defender seu lar com força de seus braços; a irascível Madre Prefeita e a atenta Madre Peixoto, educadoras do tradicional Colégio Santa Teresa, no qual a protagonista estuda e no qual, por sua condição não é bem vista pelo corpo gestor. Essas e outras personagens secundárias servem para tecer a trama que arrastará Benzinho em um turbilhão de acontecimentos sobre os quais ela nem sempre terá controle.

Mas qual será o motivo que levou aquela família a deixar a bela casa da Praça da Alegria e viver no remanso do Anil? Que será que eles têm a esconder da sociedade da época?

Tudo começou quando, durante uma festa, a protagonista, cuja beleza física é destacada ao longo de toda a narrativa, com insinuações de que ela teria chances de concorrer inclusive ao título de Miss Maranhão, foi seduzida, com promessas de casamento, por um homem casado, "um senhor moreno, de cabelos grisalhos à altura das têmporas, entre trinta e cinco e quarenta anos" (p. 21), que, sabedor da ausência de Dona Binoca em casa, deflora Benzinho, com promessas de que, assim que se livrasse da esposa – hipoteticamente enferma – voltaria para desposar a garota. A ardente declaração de amor, o momento de sexo e um pedido para que a jovem nunca falasse sobre ele com as demais pessoas, fazem com que Benzinho tenha que carregar sozinha o mistério que cerca sua vida. (continua na próxima página).

Expediente

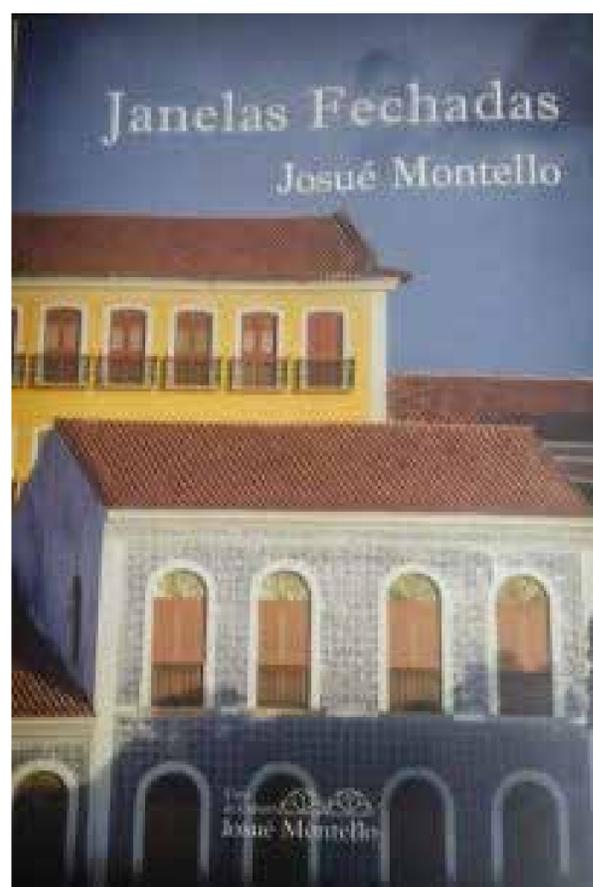
Ilhvirtualpontocom é uma publicação independente que tem como objetivo divulgar a cultura maranhense

Editoração eletrônica: José Neres
Revisão Final: Gabriel Barros Neres

Textos desta edição:
José Neres
José Ewerton Neto
Linda Barros

Artigo de

JOSÉ NERES,
professor, escritor e
membro da Academia
Maranhense de Letras
e da Sobrames



Todos querem saber quem é o pai da criança que Benzinho carrega no ventre. Porém ela, fiel à palavra dada, nada diz, e a família terá que procurar refúgio em um local afastado da cidade, indo morar no Anil, onde novos desafios irão aparecer.

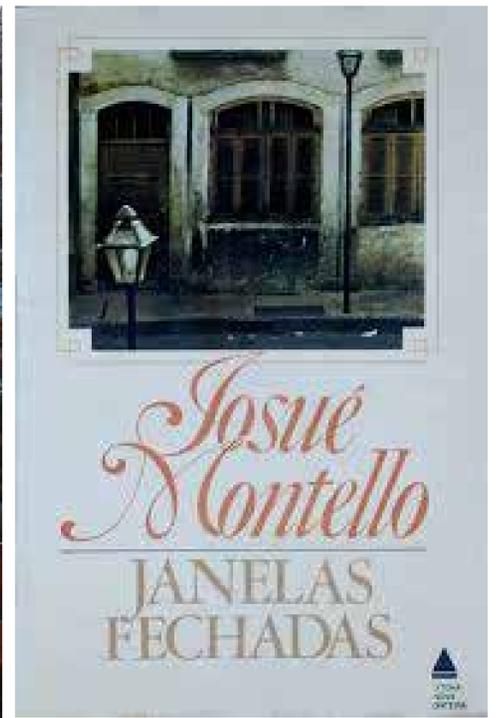
Montello aproveita a situação delicada por que passa sua personagem para retratar detalhes da sociedade maranhense das primeiras décadas do século XX, as brincadeiras, as fofocas, os folguedos e a rígida educação formação formal são esmiuçadas com toques de realismo e piadas de ironia.

A narrativa inteira é centrada nas figuras femininas. São as mulheres que ocupam o centro da narrativa. Benzinho defende ideias e tem algumas atitudes que chocam a conservadora sociedade ludovicense da época, mas que hoje podem ser vistas como espécie de sementes da corrente feminista. Em determinada passagem da obra, ao comentar sobre o comportamento da protagonista, uma personagem diz que: “As moças de hoje são diferentes das moças de nosso tempo. Querem ser modernas demais. E nós, mães, baixamos a cabeça. É o jeito” (p. 117).

Assim como fizemos na ocasião do lançamento da obra no Cintra, também aqui não iremos adiantar o que acontece na obra, pois o nosso papel não é substituir, mas sim estimular a leitura de livros de nossos autores.

Lembro que na ocasião, a plateia, composta por quase duas centenas de alunos somados a professores, corpo diretivo e demais convidados do evento, ficou com a dúvida sobre qual seria o destino de Benzinho. Espero que de lá para cá alguém tenha lido o livro e descoberto o que aconteceu com a personagem e com seus familiares.

Inteligentemente, o autor do romance optou por um desfecho que só tem sentido quando integrado a toda a trama que a antecede. Desse modo, não adianta ir ao final da obra para conhecer o final. O interessante é saborear cada página, sorrir, sofrer, dançar e até mesmo chorar com essa personagem que, embora não tenha sido explorada profundamente em sua complexidade, prende e encanta os leitores ao longo das últimas sete ou oito décadas.



Poesia Poesia POESIA pOESiA poESia PoeSIA

SONETO DA TARDE

Odylo Costa, filho

Não digo que o sol pare, nem suplico
que teu cabelo não se faça branco.
Nos segredos serenos que fabrico
vive um pouco de mago e saltimbanco.

Mas te desejo simples, natural,
e que o dia na tarde amadureça.
Venceste muita noite e temporal.
Confia em que outra vez ainda amanheça.

O teu reino da infância sempre aberto
guarda o campo e os brinquedos infinitos
nas cores puras, sob o céu coberto.

Nos cajueiros, os pássaros... Os gritos
infantis... Mas a ronda neles nasce
e embranquece o cabelo em tua face.

SÃO ROQUE E OS CACHORROS

Odylo Costa, filho

Caminhou São Roque
a pé, pelos morros
e várzeas da Terra,
juntando os cachorros

já velhos ou doentes,
sem osso e sem lar,
para oferecer-lhes
um grande jantar.

São Pedro zangou-se:
— “Isso não se faz!
Jantar de cachorro
no Céu? É demais!”

Jesus disse: — “Roque
é quem tem razão.”
Pedro riu-se, e logo
deu-lhes vinho e pão.

O ESÔFAGO TERMINAL

Comentários sobre um dos livros de despedida do grande poeta Nauro Machado

por José Neres

Só se ouve o silêncio
No ouvido que escuta
Tudo a ser da voz.

Ninguém sabe a fala
Na sua garganta:
Nem mesmo a palavra.

A obra de Nauro Machado é deveras extensa e extremamente rica tanto em formas, quanto em temáticas e em recursos estéticos e estilísticos. Habilidade no manejo com as palavras, o poeta maranhense dedicou praticamente toda a sua vida à arte da escrita e, quando partiu, deixou-nos um legado de aproximadamente quatro dezenas de obras e milhares de poemas, além de ter se dedicado também aos ensaios sobre diversos assuntos, mas principalmente sobre autores de obras literárias, conforme pode ser visto em livros como **Campo Ladeado** (1973), **Moinho e Lavra de uma Água Mental** (1988), **As Esferas Lineares** (1996) e **Província: O Pó dos Pósteros** (2012), livros nos quais é possível perceber a grande bagagem cultural e a enorme gama de leitura desse intelectual que dominava a arte da escrita e da argumentação coerente.

Era muito comum encontrar Nauro Machado pelas ruas e praças da capital maranhense. Quase sempre vestido com uma calça social e com uma camisa branca e munido de uma pasta e de seu quase inseparável guarda-chuva, o poeta era saudado por muitos admiradores e ignorado por quem não dá valor às artes e à cultura ou desconhece os valores de nossa terra. Cabisbaixo, andar compassado e inundado de poesia, ele respondia timidamente aos cumprimentos e se esquivava dos elogios vazios, mas se comprazia quando alguém demonstrava conhecer sua obra além da superfície.

Ainda em vida, Nauro Machado teve a honra de ser cultuado como grande poeta que era, recebeu diversas homenagens, muitos prêmios e viu sua fortuna crítica atingir patamares poucas vezes alcançados por um escritor maranhense que tivesse escolhido viver na própria província. Embora pudesse ter escolhido brilhar em outros centros onde possivelmente poderia ser acolhido de forma mais efusiva pela crítica e pelos leitores, ele decidiu que o Maranhão seria seu *locus* poético. Mesmo tendo escolhido São Luís como sua “*Pátria de exílio*”, sua obra chamou a atenção de inúmeros estudiosos de renome como Franklin de Oliveira, Antônio Carlos Secchin, Donald Schüller, Josué Montello e Hildeberto Barbosa Filho, entre outros. No Maranhão, trabalhos elucidativos como os de Maria de Nazaré Cassas de Lima Lobato, Ricardo Leão e Antônio Ailton serviram para minimizar a concepção de que a poesia nauriana era hermética e analiticamente impenetrável.

Cercado de reconhecimento, o poeta, na metade do penúltimo mês de 2014, lançou no Centro de Criatividade Odylo Costa, filho, que na época era um grande polo de divulgação cultural, **O Esôfago Terminal**,

um livro com mais de 300 páginas no qual trata de diversos assuntos, mas que se ancora principalmente na corrosão temática do câncer e, conseqüente, na perspectiva da morte. O livro inteiro é decorado com as cores sóbrias de uma despedida que, no olhar do poeta, era iminente. Em determinado momento, ele diz que:

Meu corpo é a veste
Com que se vestem
As minhas vísceras.

Não sei da vida
Que me habita
Enquanto vivo.

Como um cadáver
A carregar
Eterna dívida,

Ninguém se sabe
Vestido em si
Enquanto vive. (pág. 142).

Segundo declarou o próprio autor em entrevista concedida a alguns órgãos da imprensa, o livro foi escrito em um intervalo de tempo de aproximadamente quarenta dias, período no qual ele se recuperava de um longo tratamento contra um carcinoma no esôfago. Como em uma espécie de pacto autobiográfico, Machado empresta suas angústias para o eu lírico que não se esconde diante de temores e de certezas que se multiplicam dentro de um campo semântico que remete sempre à necessidade de preparar-se para *O Encontro Final*:

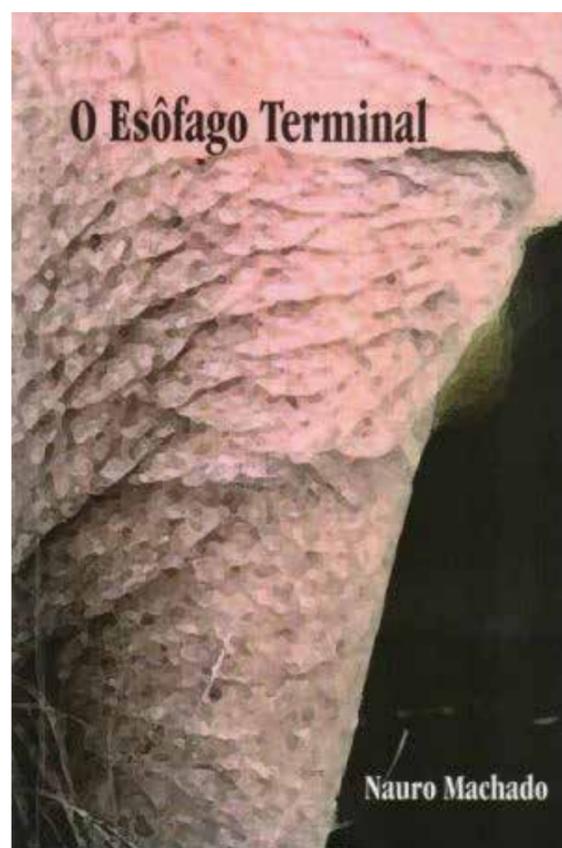
Garganta do câncer
Na exaustão do esôfago
Numa fala que é rouca.

Caminho de Deus
Sabendo os segredos
De uma humana boca,

Só a morte real,
Cadáver viril,
Requer da matéria

O seu eterno fim,
Num sopro sem vida
Com forma perfeita. (PÁG. 71)

Palavras como câncer, morte, biopsia, metástase, autópsia e outras que remetem direta ou metaforicamente à enfermidade e ao fenecimento do corpo são recorrentes nos poemas, mas acabam de alguma forma fazendo contraste com um velado desejo de uma vida que vá além da materialidade terrena. Em determinado momento, o eu lírico comenta que:



Chegar ao fim
Não chega a vida
Que continuará
Vivendo em outros.

O que se acaba,
Morrendo em um,
É o ser que sou
A ser ninguém,

Numa pessoa
Andando em mim,
Comigo só
Para o meu nada. (pág. 189)

O Esôfago Terminal, assim como todos os demais livros de Nauro Machado, é uma obra densa e que exige muita atenção dos leitores. O poeta não buscava facilidades nem costumava abrir concessões para verbosidades sem intenção de construir uma imagem poética que às vezes vai além da compreensão em uma primeira leitura, mas que pode ser descortinada quando o leitor atenta para a harmonia entre os signos utilizados e a temática abordada. Trata-se de um livro em que a despedida toma frente a outras temáticas. Não uma despedida de “até logo”, mas uma de adeus simples e definitivo.

Ao longo dos aproximadamente 300 poemas que compõem o livro, é possível notar-se, a partir de um ponto tido como negativo – a doença – uma oportunidade de o eu lírico vagar seu olhar por diversos pontos que fizeram bem a sua vida e que precisam ficar retidos na retina da memória como doces recordações que não podem ser revividas fisicamente, mas que precisam ser recuperadas mnemonicamente a fim de confortar quem tem certeza da despedida.

Ao ler **O Esôfago Terminal**, é impossível não vir à mente a dicção poética de Nauro Machado, que foi um poeta coerente com seu estilo do primeiro ao último trabalho. Os poemas são bem trabalhados, trazem os estigmas da dor e da morte, mas também emanam veladas lições de vida e uma sutil ironia, tudo mesclado com o talento de um dos mais prodigiosos poetas da língua portuguesa da segunda metade do século XX e início do século XXI.

Paulo Rodrigues: um poeta no Abrigo de Orfeu

Há dias em que você acorda, olha sua agenda e sente de imediato o desejo de se multiplicar em dois ou três para dar conta de tantas atividades. Depois, voltando à realidade, é hora de perceber que somos únicos e que não temos o dom da onipresença. Então a única solução racional é acostumar-se com o fato de que, invariavelmente, iremos perder alguns eventos e algumas boas companhias. Mas a vida é assim.

Foi por estar bastante atarefado que perdi o lançamento do livro **O Abrigo de Orfeu**, do amigo, poeta e professor Paulo Rodrigues. Mas não deixei de adquirir a obra e perto das 23 horas, quando finalmente me desincumbi de todas as tarefas do dia, parei para ler o livro.

Conheci Paulo Rodrigues durante um evento em Santa Inês. Naquela época, ele exercia o cargo de Secretário de Educação do Município e, tanto por força do ofício quanto por paixão pelas letras, estava ali recepcionando os convidados com toda a elegância e demonstrando que não era apenas um burocrata, mas sim um homem apegado às artes. Depois tive o prazer de encontrá-lo em outros eventos dedicados à cultura. De sua obra conhecia apenas textos esparsos divulgados em redes sociais, mas que já demonstravam um talento latente que parecia estar sendo lapidado pelo tempo, pelas constantes leituras e pelo contato com outros escritores.

Faltava então ver esses trabalhos enfiados em livro, pois nem sempre os textos soltos mostram a verdadeira face de um poeta. Às vezes os versos publicados na internet agrandam demais ou apequenam absurdamente a figura do escritor. A quantidade de curtidas, comentários e compartilhamento nem sempre estão de acordo com a qualidade dos poemas. Por isso, apesar de ler essas obras divulgadas, fico à espera de que o artista tenha tempo e/ou disposição para coletar seus melhores trabalhos e publicá-los de forma definitiva, seja em livro físico, seja em trabalhos virtuais.

Assim, esperei o lançamento do livro para comprovar o que já vinha percebendo nas postagens da internet. Conforme disse antes, não pude ir ao evento, mas não deixei de adquirir a obra e no finalzinho da noite, cansado de um exaustivo dia de trabalho, comecei a folhear e a ler **O Abrigo de Orfeu** (Editora Penalux, 2017, 84 páginas).

O aspecto físico do livro agrada de imediato aos olhos do leitor. Boa diagramação, impresso em papel pólen, o que facilita muito a leitura. As “orelhas” são assinadas pela também talentosa poetisa Luíza Cantanhede, e o prefácio traz as marcas críticas do escritor Nathan Sousa. A princípio, esses detalhes perigráficos já seriam suficientes para alguém gostar do livro. Porém, para a literatura, o mais importante deve ser o texto. E essa velha senhora chamada literatura é exigente, muito exigente.

Trata-se de um livro que certamente foi pensado e planejado com cuidado e



parcimônia, pois está longe de ser apenas um amontoado de poemas escritos em épocas distintas e que foram selecionados com o intuito de atingir determinado número de páginas. Não. Esse livro não traz as costumeiras marcas das pressas que tanto fazem os poetas caírem em armadilhas silenciosas que nem precisam de tempo para serem ativadas.

Dividido em três partes que se completam – 1) Abrigo, 2) Terraço, 3) Metáforas e Minha Vó Zabel – o livro apresenta poemas que fazem o movimento de fora para dentro do Ser, fazendo o leitor mergulhar em um turbilhão de sentimentos que se multiplica até fazer o movimento inverso e trazer à tona um pouco do que ficou escondido nas entranhas dos múltiplos eus, eles e nós que se encontram e se esbarram nos versos e nas páginas.

Começo a ler o livro e logo sou fisgado pelo primeiro poema – *Abrigo de Silêncios*, um trabalho de ourivesaria em que cada palavra se encaixa formando um todo repleto de imagens.

um andarilho
esquartejado
em pequenos
pedaços.

entra no caminho
pedra
trágico
abrigo
de silêncio.

ignora o gesto
cotovelo
na íris
carnal.

e arranca
as sandálias

do esquecimento
para lavar os pés
no mármore. (p. 17)

A escolha lexical de Paulo Rodrigues nos versos acima transcritos já deixa antever um poeta preocupado não apenas com a melodia dos versos, ou com a mera busca de imagens de impacto acústico/visual, mas sim com um conjunto poético que mescla aquilo que o crítico e poeta Ezra Pound chamou de melopeia, fanopeia e logopeia, com ênfase na última.

Os demais poemas do livro seguem na mesma linha de buscar soluções poéticas para algo que poderia ser dito de outro modo, possivelmente despido de arte e de intencionalidades no trato com a palavra. Em determinado momento, na página 27, me deparo com *Fotografia*, um poema simples e que termina de forma apoteótica, em uma mescla de ironia, frase de efeito e provocação. Depois de jogar muito bem com palavras que poderiam parecer desconexas em outro contexto, o eu lírico fecha o texto com a seguinte passagem:

fui bem-afortunado
quando te perdi
num jogo de azar.

Em alguns momentos, Paulo Rodrigues ainda cai na tentação da metalinguagem, principalmente nos poemas mais curtos, nos quais quase sempre há uma tentativa de dar uma significação alternativa para palavras que fazem parte do cotidiano, mas que como já vaticinou o grande Manoel de Barros, podem ser despenteadas. Mas isso não pode ser visto como demérito, pois essas metáforas trazem um sabor que, se não podem ser vistas como novidades absolutas, também não podem ser acusadas de serem requentadas e servidas em um final de banquete. Em alguns casos, as imagens inusitadas trazem um sabor diferenciado, como é o caso de:

a solidão é um cará vermelho
descendo no exílio da garganta. (p. 43)

Muito pode ser dito sobre esse livro de Paulo Rodrigues. Nas páginas dessa obra é possível descortinar múltiplas incursões pelas mitologias clássicas e pelas pessoais, toques aparentemente autobiográficos, e muitos, muitos momentos de uma poesia que dialoga com o que há de melhor no mundo das letras.

Vale a pena ler **O Abrigo de Orfeu** e saborear cada página com a alegria de quem alimenta o intelecto, o espírito e o bom gosto.

UM PASSEIO POÉTICO PELAS PALAFITAS PÓÉTICAS DE LUÍZA CANTANHÊDE

Por José Neres

Acredito que foi a partir de conversas com o poeta e amigo Carvalho Júnior que tomei conhecimento do talento literário de Luíza Cantanhêde. Depois percebi que ele já estava no meu círculo de amizades de redes sociais. Li alguns poemas dela na internet e percebi que estava diante de uma escritora diferente, que não se rendia às falsas facilidades oferecidas pelo pantanoso caminho dos versos.

Depois, nossos caminhos se cruzaram ocasionalmente em eventos literários, em Arari, Santa Inês, São Luís... Infelizmente, por conta de compromissos anteriormente assumidos, não pude ir a nenhum dos momentos de lançamento de Palafitas (Penalux, 2015, 84 páginas). O tempo foi passando e continuei ouvindo boas referências dessa escritora quem maneja a palavra com a precisão de um médico a realizar uma delicada cirurgia no cérebro de um paciente.

Algumas vezes tentei adquirir o livro, mas sempre algo dava errado e eu não conseguia concretizar a compra. Mas no primeiro dia do festeiro mês de julho de 2018, ao fazer minha parada obrigatória na Livraria da Amei (Associação Maranhense de Escritores Independentes), finalmente comprei a obra.

Aproveite um tempinho livre e, na praça de alimentação do Shopping, cercado de inúmeras pessoas que se deliciavam com as mais diversas guloseimas disponíveis no Templo do Consumismo, devorei página a página do livro. Tenho certeza de que, mesmo antes de chegar à última página, minha alma estava bem mais alimentada do que a barriga de meus vizinhos de mesa que haviam engolido pizzas, hambúrgueres, churrascos, sopa e todos os tipos de alimentos ali disponíveis.

Não é preciso me alongar falando sobre o trabalho gráfico da editora, pois ela já é conhecida entre os amantes dos livros por sempre dispensar uma atenção especial à capa e à diagramação de seus trabalhos. Como sempre faço, a fim de evitar contaminação de ideias, deixei para ler depois a “orelha” assinada pelo poeta Paulo Rodrigues e o prefácio escrito pelo também poeta Nathan Sousa.

Devo admitir que poucas vezes tive contato com uma apresentação tão poética quanto que Luíza Cantanhêde fez na abertura do trabalho. Com poucas palavras e com sensibilidade acima da média, ela chama o leitor para si e se apresenta desnudando a alma para olhos vorazes de novidade. Os três parágrafos iniciais já compensaram o investimento pecuniário.

Mas não são raras as vezes em que uma boa diagramação e uma apresentação bem feitas escondem textos de qualidade duvidosa. Era preciso ir além das aparências e penetrar surdamente no reino das palavras de Luíza. Foi o que fiz. Anulei os ruídos dos garfos, pratos, copos, risos e bocançadas e cheguei ao primeiro poema.

Como em uma profissão de fé, a escritora começa seus versos apresentando suas credenciais e mostrando qual o caminho a ser percorrido, aparentemente não apenas em seu livro de estreia, mas em outros vindouros.

Não sei versar para a realeza.
gosto mesmo é de rimar com vassalos.
Sentar-me com palavras
que se arrastam pelo chão; que
caminham de pés descalços, que
residem nos guetos, gritam
nas entrelinhas, que ficam subtendidas.

Minha palavra é de coisa vivida. (p. 21)

Nesse primeiro momento do livro, a poeta (ou poetisa, escolham!) mantém um animado bate-papo com a própria Poesia. As recorrentes apóstrofes ao poema demonstram que ela conhece muito bem sua missão quando escolheu escrever versos que comem “o resto do banquete” (pág. 22) e que “garimpa ouro nas águas / do improvável” (pág. 28). Ao se posicionar a respeito de sua relação com os versos, a escritora não permite que os estereótipos geralmente empregados para colocar

metodologicamente cada autor em um escaninho lhes sejam aplicados. Tudo o que ela deseja é produzir e fugir das convenções minimalistas e generalizantes.

Deixem os meus
versos livres, simples e
enigmáticos feito eu. (pág. 31)

A ambiguidade da palavra “livres”, que tanto remete liberdade de não estar presos às regras impostas pela versificação tradicional quanto à possibilidade de não serem julgados e condenados, pois eles estão fadados à liberdade.

Mas a apresentação do estilo não se limita a essa primeira parte do livro, embora seja ali que esteja mais concentrada. Logo no início do segundo momento, intitulado *Bambu*, a escritora adverte: “Não me apresente / a métrica, não sei / medir as palavras” (pág. 39). Novamente, Luíza Cantanhêde faz uso do poder do duplo sentido das palavras. Não se trata apenas de não querer (ou não saber) metrificar versos, mas também de poder dizer o que lhe vier à mente, sem as amarras sociais que sempre tentam ditar as normas do que, como e onde pode ser dito o que se pensa.

Mas se engana quem pensar que o livro inteiro é apenas uma profusão de metalinguagens e de recortes de personalidades do eu lírico. Há muito mais. Há momentos de profundo lirismo com apelo à fanopeia, como no poema “*Isca*” (pág. 41) e forte apelo social, como é possível perceber desde a escolha lexical do título. O poema “*Ciclo da Cana*” (pág. 49), por exemplo, mantém um diálogo intertextual com “*O Açúcar*”, de Ferreira Gullar, pois em ambos fica evidente que por traz do gosto doce das coisas boas se esconde o suor de muitos trabalhadores que se sacrificam e são sacrificados em prol de uma aparente modernidade.

E é dessa força atávica da terra, juntamente com toda uma história de vida, que Luíza Cantanhêde retira o mote para a confecção da última parte do livro, significativamente intitulada de “*Lágrima*”. Nesse momento final do livro, as imagens poéticas vão se mesclando com reflexões acerca de toda uma existência que busca de algo que se encontra dentro do eu lírico.

No livro inteiro, as metáforas do peixe, do rio e dos insetos são recorrentes e conduzem a uma sensação bucólica em que a paisagem deixa de ser apenas um pano de fundo, para tornar-se parte essencial do próprio fazer poético dessa camponesa que, assim como o genial José Chagas, trocou a lavra pela palavra e seguiu a escritura sem esquecer a lavradura.

Mas de todos os poemas, aquele que mais me encantou foi “*Treinamento*”, um verdadeiro exercício de sensibilidade com as palavras. Nesses versos, nenhuma palavra sobra e nenhuma falta, não há adiposidades verbais e a construção beira a perfeição da imagem poética.

Na barriga da minha mãe
eu andava pelos babaçuais
do Maranhão.

Não sabia ainda a função
do machado. O coco aberto
e ferido. O azeite.

Depois conheci a fome
e a lâmina. (pág. 51)

Palafitas é um livro para ser lido com a destreza de um passarinho a beber água. Sem pressa. Com calma. Tomando todo o cuidado para não atolar o pé no lamaçal que se esconde nas frestas das tábuas. Mas o sofrimento e a dor também podem ser poéticos. Terminei de ler o livro. Li a orelha e o prefácio. A meu redor, uma multidão usando roupa de grife, mas eu não estava mais em um shopping... Eu continuava habitando as palafitas de Luíza Cantanhêde.



JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES: cultura nas ondas do rádio

Acreditamos que todos temos uma missão a cumprir. Alguns não ligam para isso, outros, porém, a tomam com um objetivo de vida, cumprindo-a com louvor. E quando essa missão é preservar o que há de melhor de seu povo, de sua gente, fazendo com que todos se sintam recompensados, cumpri-la torna-se o maior e o melhor de todos os prêmios.

José Raimundo Rodrigues é um nome que serve de exemplo, é um daqueles que nasceram com a missão de carregar metaforicamente nas costas o bom fardo de mostrar o que há de melhor e de mais importante sobre povo, sua gente: a cultura popular maranhense como melhor expressão artística.

Deputado, jornalista, radialista e produtor cultural, Zé Raimundo como é carinhosamente conhecido na nossa cidade, é um cuidador da cultura maranhense. Em meados de 1986 realizou o I Festival de Bumba meu boi, a maior e mais representativa manifestação folclórica do Maranhão. Dos seis sotaques, quatro deles foram destaques nesse festival: orquestra, zabumba, matraca e sotaque da baixada.

Desse festival surgiram as mais belas toadas, dentre as quais se destacou “Maranhão meu tesouro meu torrão” que foi immortalizada na voz da Marrom Alcione.

Desde muito tempo, esse maranhense de Pinheiro, empresta sua voz de locutor e comunicador para propagar o que há de melhor e mais significante na cultura maranhense de modo geral.

O eterno apresentador do Maranhão TV, ingressou também na política, foi deputado estadual, sendo o mais bem votado em São Luís no século XX, agitou nossa Ilha por longos anos, com a única preocupação, promover nossa cultura, com seu dom de comunicar-se com as massas através dos programas de televisão.

O radialista projetou nomes muito importantes da nossa cultura através do programa Raízes do Maranhão, como João Chiador, Humberto de Maracanã, Gago do Sotaque da baixada, Donato Alves, sotaque de orquestra e muitos outros nomes que são verdadeiras lendas da nossa cultura popular. Apaixonado pela cultura do estado, o comunicador tem um imenso acervo particular sobre a música popular maranhense, no gênero do bumba meu boi. Produziu mais de três dezenas de LPs (disco de vinil), tem cerca de 2.000 fitas cassetes com músicas de bumba-boi.

Atualmente, o jornalista apresenta na Rádio Timbira das 16 às 18 horas, o programa Coisa Nossa, onde, usando sua voz inconfundível, faz ecoar a história e os valores da cultura popular maranhense. Zé Raimundo é um bravo lutador, que usa seu amor pela cultura para que esta não se perca no tempo e no espaço, fazendo de tudo para que todos possam conhecer um pouco da cultura do imenso Maranhão.



Artigo de LINDA BARROS - professora, escritora, atriz e autora da coluna Maranhenses, do Jornal do Maranhão. Este artigo foi publicado originalmente no Jornal Pequeno.

Crônica: O ABC do que se fala aqui

José Ewerton Neto

Aqui se fala assim. Ou se falava? Dia virá (e não falta muito) em que do Oiapoque ao Chuí só haverá uma fala, sem a riqueza idiomática peculiar a cada região do país. E essa fala será em uníssono, repetição das asneiras que se repetem na Tevê: no maneirismo dos apresentadores, nos tiques das celebridades das novelas, uma coisa só.

Bem, o que ainda se fala por aqui estará na reedição de O ABC bem humorado de São Luís, ainda uma vez explorando sua provável origem risível.

BICA. Torneira.

O maranhense chama torneira de bica porque num estado com tanta abundância de água de chuva, o fato de as torneiras viverem secas só tem uma explicação. Para muita gente, o negócio de água virou bico.

PEGADOR. Brincadeira de esconde-esconde. Originalmente, de crianças.

A brincadeira adquiriu esse nome por aqui porque o garoto, futuro 'pegador', começa sua futura vocação de Don Juan se escondendo com as meninas, sabe-se lá onde.

JUÇARA. Açaí

O maranhense chama açaí de juçara porque lembra uma crioula com esse nome, suculenta, gostosa e que vai lhe dar muita força e algo mais.

ATRACA. Diadema ou tiara.

O que lá fora é chamado de diadema ou tiara ganhou por aqui o nome de atraca, porque, antigamente, os marinheiros quando aportavam no Desterro doavam tiaras para as meninas da Rua 28, (zona do baixo mere-trício) com o objetivo, pré-anunciado, de atracá-las.

RI-RI. Fecho éclair, zíper.

O maranhense chama zíper de ri-ri porque, via de regra, quando ele abre o de sua parceira e ri de felicidade. Depois é a vez de ela rir, quando abre, por sua vez, o dele.

BANHAR. Tomar banho.

O maranhense diz banhar ao invés de tomar banho porque, ao contrário dos que aqui chegaram tentando impor a fala "tomar banho", não está tomando o banho de ninguém, aqui chove o suficiente, não há razão para isso.

BALDIAR. Vomitar

O maranhense diz baldiar ao invés de vomitar porque no carnaval de antigamente (quando o daqui era o terceiro do Brasil) ao chegar na quarta-feira de cinzas estava tão bêbado que na hora de vomitar confundia o penico com um balde.

PEGAR CORDA. Ficar zangado.

O maranhense , quando está zangado diz até hoje que está pegando corda porque na época da escravidão quando o feitor se zangava , bastava ameaçar os escravos: "Já tô pegando a corda!"

DIZENDO. Algo está 'Dizendo', quando dá uma impressão muito positiva.

O maranhense julga que uma coisa espetacular está dizendo por que certas bocas gostosas (mudas e não oficiais, de sua parceira) no seu entender, só faltam falar, e dizem mais que se pudessem.

CINTURÃO. Cinto grande.

O maranhense chama cinto de cinturão porque quando as crianças apanhavam de cinto, a dor era tanta que viam tudo no aumentativo. Não parecia cinto, mas um cinturão.

HEIN-HEIN. Concordância, negação. Fala-se com a voz anasalada.

Essa expressão típica maranhense tanto pode significar sim como não. Até hoje, as grandes decisões administrativas maranhenses são tomadas desse jeito. Daí... nosso caos organizacional . Antigamente, durante o casamento, tanto o noivo como a futura esposa diziam Hein Hein, ao invés de sim ou não, quando o padre perguntava. Acontece que ao sair logo depois, atrás da virgindade da esposa, o marido, atônito perguntava "Hein? Onde?" Ela respondia Hein, Hein, confirmando que havia acabado de surgir um corno novo na praça .

(Crônica reproduzida de O Jornal do Maranhão e do site da AML)

Acesse e ouça a radio web da Academia Maranhense de Letras
www.radioacademiamaranhensedeletras.com





O POLIVALENTE CHARLES MELO

Por Linda Barros
(Atriz, professora e membro da Ajob-MA)

A prodigiosa labuta segue seu curso todos os dias, a passos largos ou curtos, com um único objetivo: mostrar seu trabalho e sua perspectiva de dias melhores, ainda que, às vezes, sem muitas pretensões. Quando se fala na árdua tarefa laboral, entre tantas outras, está o teatro, as artes em geral, pelo simples fato da teimosia da maioria das pessoas em não valorizá-la. Sendo assim, as artes vivem na ânsia de serem vistas pelo menos por alguns expectadores a cada temporada.

Seguindo essa rotina diária de mostrar sua cultura, seus valores e sua essência artística, temos CHARLES MELO, escritor, ator, diretor de teatro, regente de música e atual presidente do SATED – Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão, instituição para a qual tem prestado relevantes serviços. Mesmo toda sua experiência artística acumulada por anos de atuação, Charles Melo, com certeza ainda, como todo bom profissional, ainda cumpre uma rigorosa rotina de preparação na hora de compor seus trabalhos, seja para atuar, produzir, dirigir seus espetáculos ou como regente da Escola de Música, local onde desenvolve outro lado menos divulgado de seu talento artístico.

Setembro é o mês de aniversário de Antonio Charles de Melo Pequeno, esse polivalente e brilhante artista maranhense, natural de Presidente Dutra, à frente da companhia de teatro Cia Direto da Fonte, na qual já produziu e dirigiu diversos espetáculos, tais como como: Poemas para Che, Toilete, Rimbaudemônio baseado na obra de Celso Borges, Entre Quatro Paredes, O Rapaz Apressado, Zen e o mais recente trabalho do artista, O Casamento, que esteve em cartaz até recentemente.

Charles Melo é formado em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão, tem diversos prêmios literários por suas obras "Toilete" e o romance "O outro dia". Compondo sua versatilidade, o "artista multimeios" como o denominou o então amigo de décadas Junerley Moraes, ainda contribuiu com a sétima arte, onde dirigiu os curtas-metragens Dormir e acordar e Agridoce e o longa Caminho de Pedras Miúdas, de Inaldo Lisboa. Charles também é autor de 250 carneiros, Ex-amor e Calendário.

E em meio a tantos percalços, a vida nos leva a caminhos bem diversos, até conseguir reger nossos próprios passos. Assim foi e continua sendo a longa caminhada desse versátil artista, que nessa caminhada a passos largos passou de figurante a personagem principal, contando sua própria história.

Já estávamos fechando esta edição quando fomos surpreendidos com a notícia do falecimento do ator, diretor, maestro e professor Charles Melo.

A morte não manda recado - ou talvez até mande, mas ninguém quer saber de interpretá-los corretamente.

Resta então aos amigos e admiradores de Charles Melo a lembrança de seu sorriso franco e a possibilidade de reencontrá-lo em seus livros e nas recordações de seus muito trabalhos, sempre executados com muito talento, amor e competência.

Reproduzimos aqui uma das últimas homenagens recebidas pelo artista no texto da atriz e professora Linda Barros em sua coluna no Jornal do Maranhão, por ocasião do aniversário do teatrólogo.

